

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

AS ECOVILAS DE SUCESSO DO BRASIL

Gabriel de Mello Vianna Siqueira¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo avaliar o conceito de sucesso quando aplicado ao contexto das ecovilas. Ecovilas são assentamentos completos de escala humana, onde as atividades antrópicas estão integradas inofensivamente no mundo natural de forma a apoiar o desenvolvimento humano saudável e que possam continuar tendo sucesso no futuro indefinido. Elas surgem no início da década de 1990 como novos arranjos organizacionais das antigas comunidades alternativas. Um dos principais movimentos que influenciou o nascimento das ecovilas foi o ambientalismo das décadas de 1970 e 80, que contestou duramente o conceito de desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico. As comunidades sustentáveis são espaços que permitem a criação de estilos de vida que integram relações ambientais sustentáveis e ação social transformadora. Para podermos afirmar o sucesso desse projeto, precisamos repensar nosso conceito de sucesso, para além da lógica “maior é melhor”. Cada ecovila é única. Pertence a um contexto social, político e econômico específico. Atua na realidade em que está inserida de maneira singular. Organiza-se e viabiliza sua existência de maneira particular. Suas práticas e ações administrativas fazem parte de sua essência, de suas políticas e dos valores e padrões éticos de seus membros. A ressignificação de estilos de vida e a criação de uma nova visão de mundo implicam também na criação de uma linguagem particular de imagens e conteúdos simbólicos adequados. Precisamos nos apoiar em novos indicadores para avaliar o sucesso de ecovilas.

Palavras-chave: ecovilas, racionalidade substantiva, sociedade centrada no mercado, sucesso, desenvolvimento.

As ecovilas de sucesso do Brasil

Em toda sociedade, o homem se defronta com dois problemas: o problema do significado de sua existência e o problema de sua sobrevivência biológica. Uma sociedade é formada quando representa para seus membros uma expressão da ordem do universo. Toda sociedade parece natural a seus membros na medida em que, pela adesão a seus símbolos e pela confiança em seus padrões, sintam eles a própria existência como alguma coisa que se harmoniza com aquela ordem. Nas palavras de Voegelin, "toda sociedade tem que enfrentar os problemas de sua existência prática e, ao mesmo tempo, se preocupar com a veracidade de sua ordem" (Voegelin, 1964, p. 2).

Em outras palavras, em toda sociedade existe, de um lado, uma série de ações simbólicas em sua natureza, ações condicionadas, sobretudo, pela experiência do significado e, de outro lado, atividades de natureza

¹ gabrielsica@gmail.com

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

econômica, que são acima de tudo condicionadas pelo imperativo da sobrevivência, da calculada maximização de recursos. Os critérios de cada tipo de conduta são distintos e não devem ser confundidos. Uma atividade de natureza econômica, ou um sistema social econômico, é avaliado em termos das vantagens práticas a que conduz; esta engrenado para a consecução de tais vantagens, e não para o conhecimento da verdade. As atividades de natureza econômica são compensadoras em razão de seus resultados extrínsecos, enquanto a interação simbólica é intrinsecamente compensadora. O primeiro tipo de atividade é meio para conseguir um fim; o segundo constitui um fim em si mesmo (GUERREIRO RAMOS, 1981, p.126).

“Qual a ecovila de maior sucesso do Brasil que você conhece?”

Frequentemente escuto essa pergunta. À primeira vista, ela parece bastante objetiva. Mas qual a resposta que se espera? Quando se pergunta isso, o que se entende por *sucesso*?

Ecovilas são assentamentos completos de escala humana, onde as atividades antrópicas estão integradas inofensivamente no mundo natural de forma a apoiar o desenvolvimento humano saudável e que possam continuar tendo sucesso no futuro indefinido (GILMAN; GILMAN, 1991).

Ecovilas são inovadoras em múltiplas dimensões. Elas surgem no início da década de 1990 como novos arranjos organizacionais das antigas comunidades alternativas. Um dos principais movimentos que influenciou o nascimento das ecovilas foi o ambientalismo das décadas de 1970 e 80, que contestou duramente o conceito de desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico (SIQUEIRA, 2012).

Durante os séculos XIX e XX, houve um predomínio do desenvolvimento como sinônimo de progresso e crescimento econômico, provocando a efervescência de relações duais e desiguais, como países pobres e países ricos, Norte e Sul, desenvolvidos e subdesenvolvidos (SACHS, 2007).

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnicocientíficas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. É a relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica — que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva (GUATTARI, 2001, p. 7).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Organizações criadas com o propósito de legitimar a sociedade centrada no mercado, tais como instituições de ensino, conglomerados midiáticos e as próprias empresas capitalistas se tornam as responsáveis por transmitir e legitimar padrões de comportamento antiéticos e utilitaristas.

Nenhuma sociedade, no passado, esteve jamais na situação da sociedade desenvolvida centrada no mercado de nossos dias, na qual o processo de socialização está, em grande parte, subordinado a uma política cognitiva exercida por vastos complexos empresariais que agem sem nenhum controle. Em sociedade alguma do passado, jamais os negócios foram a lógica central da vida da comunidade. Somente nas modernas sociedades de hoje o mercado desempenha o papel de força central, modeladora da mente dos cidadãos. [...] Escravos de um sistema de comunicação de massa dirigido por grandes complexos empresariais, os indivíduos tendem a perder a capacidade de se empenhar no debate racional. Cedendo a influências projetadas, a maioria das pessoas perde a capacidade de distinguir entre o fabricado e o real e, em vez disso, aprende a reprimir padrões substantivos de racionalidade, beleza e moralidade, inerentes ao senso comum (GUERREIRO RAMOS, 1981, p.114).

Na sociedade centrada no mercado, a definição de sucesso está intimamente ligada ao crescimento econômico (GUERREIRO RAMOS, 1981). *Quanto maior o lucro, melhor.* Quando falamos de ecovilas, normalmente continuamos pensando seu sucesso segundo a *lógica do mais*, porém em duas outras dimensões: tempo de existência da comunidade e número de moradores. *Quanto maior, melhor.* Será que isso é adequado para medir o impacto positivo das ecovilas na vida das pessoas, nas comunidades e na sociedade como um todo?

Quando eu estava fazendo minha pesquisa de mestrado sobre gestão de ecovilas (SIQUEIRA, 2012), pude conhecer de perto diversas comunidades. Uma delas existia há décadas, e sua população crescia continuamente, passando de 200 moradores. Pelos padrões normais de sucesso, ela certamente seria considerada uma das melhores do Brasil. Mas ao investigar a trajetória do grupo, identifiquei muita insatisfação, conflitos que duravam anos e anos, uma ausência de diálogo e escuta profunda e a governança totalmente engessada. Tudo isso trazia dificuldades práticas e infelicidade para boa parte dos moradores. Sob a perspectiva deles, essa comunidade estava muito longe de ser um sucesso.

A sociedade centrada no mercado, fiando-se exclusivamente na racionalidade instrumental, não pode ser considerada uma boa sociedade, na medida em que adota como modelo de ser humano o *homo economicus*, equivale o comportamento organizacional à conduta humana em geral e aloca poder baseada em critérios como status, riqueza, raça e sexo. As corporações, como manifestação microssocial da ideologia vigente nas sociedades ocidentais, não poderão nunca ser o palco da autorrealização humana, ao contrário do que afirmam muitos consultores e pesquisadores do paradigma funcionalista da Ciência da Administração.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A instituição de uma sociedade centrada no mercado, conforme ressalta Cruz Júnior (1988), reflete-se também no processo de socialização dos indivíduos, ao levar o cidadão comum a internalizar uma sensação permanente de privação relativa, resultando numa luta intensa e constante para adquirir e manter status social. Se não for bem sucedido nesta luta, o cidadão comum passa a ser contabilizado como um dentre milhares de casos de “disjunções sociais” (KIRKPATRICK SALE, 1980 *apud* CRUZ JÚNIOR, 1988).

Nesse mapeamento de comunidades que fiz (SIQUEIRA, 2012), conheci também um *cohousing* urbano no sul do país que mantinha uma série de projetos e empreendimentos. Todo o trabalho e todos os ganhos gerados eram compartilhados. No entanto, apesar da dedicação intensa de seus membros, as dificuldades financeiras eram constantes na comunidade e existia um desconforto em relação às atividades que geravam maior ou menor – e as vezes nenhum – retorno financeiro. Eles resolveram avaliar os projetos existentes. A comunidade percebeu que um dos principais gargalos para a sobrevivência econômica deles era o fato de residirem no mesmo local em que trabalhavam. A governança da casa se confundia com a gestão dos empreendimentos que existiam ali, além de ocupar um espaço que estava ficando pequeno para a diversidade de projetos que surgiam. O resultado dessa avaliação foi muito disruptivo.

Esse *cohousing* se reformulou e se tornou um *coworking*, espaço de trabalho colaborativo sem moradia. Desde então, os coletivos que compartilham o espaço já lançaram uma série de projetos que integram sustentabilidade ambiental e social à geração de renda distribuída, atingindo muito mais pessoas. A horta comunitária, que sobreviveu bravamente durante anos mas que era pouco produtiva, foi alugada para uma ONG que trabalha com agricultura urbana orgânica. Se antes ela mal supria a comunidade, hoje alimenta várias famílias e serve de suporte à geração de renda para a entidade que a mantém e aos coletivos que administram o espaço. Segundo a avaliação dos ex-moradores, a experiência de *cohousing* foi um sucesso também: levou-os a um estado mais elevado de consciência pessoal e abriu portas que antes não existiam. Dissolveu-se no momento certo. E para um bem maior.

Comunidades intencionais são formadas quando pessoas escolhem viver juntas ou próximas o suficiente para conseguirem levar um estilo de vida compartilhado, com uma cultura compartilhada e um propósito comum (METCALF, 2004). Grande parte das comunidades intencionais compartilham um terreno ou moradia ou vivem em propriedades adjacentes, mas existem algumas que são não-residenciais (CHRISTIAN, 2007).

John Croft (2009), australiano criador da metodologia de planejamento colaborativo Dragon Dreaming, conta que participou certa vez de um projeto de criação de uma comunidade ideal. O detalhe é que essa ecovila foi concebida para durar apenas uma semana. Depois de meses de preparo, a comunidade ideal de John e seu grupo de amigos aconteceu e superou muito as expectativas deles. Depois de 7 dias, aquele nódulo temporário no fluxo da vida chegou ao seu fim. Como não dizer que esse foi um projeto de sucesso?

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

O anarquista Hakim Bey (1985) fez um estudo histórico sobre os piratas que assolavam os mares do Caribe durante a colonização da América. Bey descreve táticas sócio-políticas que os piratas usavam para criar espaços que evitavam as estruturas formais de controle – algo semelhante ao desejo contido em muitas das inspirações que dão origem às ecovilas e outros coletivos. A isso ele deu o nome de Zona Autônoma Temporária, pois quando um desses refúgios piratas era encontrado pelas autoridades, deixava de existir instantaneamente.

Na formação de uma TAZ – a sigla vem do título original em inglês, Temporary Autonomous Zone – um novo território é criado, com limites tanto no espaço físico quanto no tempo. Qualquer tentativa de permanência que vai além destes limites está fadada a deteriorar-se em um sistema estruturado que inevitavelmente asfixia a criatividade individual e coletiva. A possibilidade de criatividade é o verdadeiro empoderamento.

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a Simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, "ocupar" clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos. Talvez algumas pequenas TAZ tenham durado por gerações - como alguns enclaves rurais - porque passaram despercebidas, porque nunca se relacionaram com o Espetáculo, porque nunca emergiram para fora daquela vida real que é invisível para os agentes da Simulação. (BEY, 1985, p.10)

Em seu livro “Small is Beautiful” [O Negócio é Ser Pequeno], o economista EF Schumacher (1999) também contesta a ideia de que mais é melhor. Para ele, a única maneira de sermos sustentáveis e coerentes é reduzir a escala de nossas ações, focando na *suficiência*, e garantindo as necessidades humanas sem perder de vista os limites biofísicos do planeta.

As comunidades sustentáveis são espaços que permitem a criação de estilos de vida que integram relações ambientais sustentáveis e ação social transformadora. Para podermos afirmar o sucesso desse projeto, precisamos repensar nosso conceito de sucesso, para além da lógica “maior é melhor”.

Mas o próprio conceito de ecovila pode designar múltiplos significados. Gustavo Prudente (2006), em seu artigo *O velho sonho de morar no paraíso*, percebeu a existência de ecovilas mercantilizadas, o que traz à tona a ideia de que o termo ecovila já esteja sofrendo da colocação inapropriada de conceitos. O autor sugere que além de ecovilas com foco na espiritualidade, na ecologia e na arte, existem também aquelas que se adequam à lógica do mercado comercializando lotes em uma espécie de condomínio voltado para as classes média e alta (PRUDENTE, 2006). Ele avalia, no entanto, que todas as ecovilas, inclusive essas mercantilizadas, têm como ideal o desejo de romper com o paradigma socioeconômico estabelecido.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Loomis (2011) emprega uma definição abrangente de comunidade sustentável que inclui, além das comunidades intencionais e ecovilas, outras categorias como cidades em transição (Transition Towns movement), coletivos rurais (Community Land Trust), agricultura de base comunitária e familiar (Community Supported Agriculture), hortas coletivas (Community Gardening) e desenvolvimento econômico comunitário (Community Economic Development), *experimentcities* e *envirotowns*.

Algumas dessas comunidades sustentáveis enfatizam a conscientização ambiental, o lobby político e a promoção de eventos que promovam seus ideais. Outras estão focadas em projetos práticos ou iniciativas comunitárias transformadoras. Quase todas compartilham a noção de que a sociedade centrada no mercado, sua economia industrial e seu sistema de produção rural estão prestes a sucumbir – se é que já não sucumbiram – e consideram que a solução é a auto-organização em pequenas unidades. Muitas entendem que fazem parte de uma rede global de iniciativas locais que irá eventualmente transformar estilos de vida, mercado e políticas governamentais.

Loomis (2011) considera que as diversas comunidades sustentáveis podem ser classificadas de acordo com seus objetivos e imagens associadas a elas:

- a) Comunidades autossuficientes: têm seu foco na sobrevivência através do resgate de um passado de harmonia com a natureza. Geralmente enxergam a si mesmas como botes salva-vidas ou arcas;
- b) Iniciativas de participação comunitária: buscam se adequar às mudanças através da resiliência, visando essencialmente à manutenção do estilo de vida atual;
- c) Comunidades verdes pioneiras: orientadas para a transformação e a adaptabilidade em direção a uma realidade futura, realizando experimentos de estilos de vida, tecnologias e sistemas socioeconômicos alternativos.

As comunidades autossuficientes que Loomis menciona parecem adotar largamente a utopia de regresso a um passado mítico idealizado, desconsiderando as mazelas pelas quais as populações de comunidades ancestrais passavam, conforme assinalou Irrgang (2011).

As iniciativas de participação comunitária (LOOMIS, 2011) já estariam mais orientadas para a atualidade, levando em consideração a existência da crise multidimensional pela qual a sociedade centrada no mercado está passando, ao invés de se isolar da sociedade como as comunidades autossuficientes. Aqui, caberiam os condomínios autossustentáveis e algumas comunidades que atuam de forma reativa.

As comunidades verdes pioneiras seriam aquelas comunidades sustentáveis e ecovilas que, além de encarar a crise socioambiental pela qual estamos passando, ainda optam por criar novos modelos que possam servir de modelo para o redesenho da sociedade, fazendo experiências práticas nas mais diversas áreas, como administração, economia, urbanismo, arquitetura, agricultura, tecnologia, etc.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

De acordo, Gilman (1991) considera que poucas vilas tradicionais existentes ainda hoje poderiam ser descritas como assentamentos completos ou que apoiam o desenvolvimento humano saudável. Tanto nas comunidades antigas quanto nas tradicionais remanescentes, geralmente a vida é dura e as possibilidades de desenvolvimento pessoal e educação são escassas, além de configurarem estilos de vida pouco diversificados. A relação com o ambiente circundante e entre seres humanos é completamente oposta ao ideal das ecovilas proposto por ele e pela *Global Ecovillage Network*. Para ele, as ecovilas atuais surgem das necessidades e oportunidades provocadas pelas limitações ambientais, pelo desenvolvimento tecnológico e pelos novos patamares de conscientização atingidos recentemente.

De forma complementar às iniciativas de participação comunitária propostas por Loomis, Ted Trainer (2002) descreve as principais características de ecovilas e outras comunidades sustentáveis:

- a) Rejeição da dependência do mercado e adoção órgãos de decisão comunitários;
- b) Aplicação dos recursos locais em função das necessidades locais;
- c) Participação e cooperação no seio da comunidade;
- d) Controle pela população local;
- e) Utilização de tecnologias alternativas e que não requerem demasiado capital;
- f) Construção de economias locais distintas das esferas econômicas nacionais/internacionais;
- g) Estabelecimento de um estilo de vida satisfatória e suficiente, sem recorrer ao consumismo ocidental.

Trainer considera que as iniciativas sustentáveis, sejam elas denominadas ecovilas ou comunidades intencionais, variam muito em suas visões de desenvolvimento. Algumas se engajam em uma luta pela autossuficiência (como as comunidades autossuficientes de Loomis), enquanto outras estão trabalhando conscientemente para a transformação radical da sociedade existente (como as comunidades verdes).

Christian (2003, 2007) estudou dezenas de ecovilas e comunidades norte-americanas, constatando que apenas 10% dos projetos comunitários de fato sucedem em seus objetivos, enquanto 90% perece no caminho. Com base nesse estudo, ela apresenta as principais dimensões da gestão de ecovilas que conseguiram se estabelecer:

1. Visão compartilhada;
2. Estilo de tomada de decisão bem definido;
3. Instituições e acordos transparentes;

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

4. Comunicação autêntica;
5. Resolução de conflitos; e
6. Critérios claros para inclusão de novos membros

Quanto ao primeiro item, visão compartilhada, Christian (2003, 2007) apresenta uma série de motivações e justificativas para a existência das ecovilas no contexto atual: redução da pegada ecológica, segurança, saúde, redução no custo de vida, crescimento e desenvolvimento da personalidade, possibilidade de experimentar relações pessoais profundas (em conformidade com as relações humanas verdadeiramente autogratiíficantes das quais fala Guerreiro Ramos), aumento da satisfação e prazer em viver, e uma melhoria geral no bem estar, etc. A autora não faz nenhuma referência a aspirações de transformação política, econômica ou social, no entanto.

Ela ressalta que o fator mais importante para que uma ecovila tenha sucesso é possuir esta visão compartilhada, algo que muitos autores chamam cola. A formação de uma ecovila não acontece por motivações instrumentais como a compra de um terreno ou objetivos e metas de desenvolvimento. A cola é o fator chave, responsável pelo sentimento de comunidade e bem estar do grupo, incentivando relações verdadeiramente autogratiíficantes e um genuíno sentido de compartilhamento.

Christian (2003) conceitua cola como a visão comunitária, expressão compartilhada do futuro desejável, uma carta de intenções que alinha os membros da comunidade e os inspira a trabalhar em prol de suas aspirações coletivas. A visão comum é uma espécie de ponto de restauração da comunidade, pedra fundamental para erigir uma ecovila, um livre acordo que inclui valores, propostas e aspirações do grupo, além de servir como bandeira comum pela qual o coletivo se apresenta perante o restante da sociedade.

Dentre as variáveis que devem ser levadas em consideração na criação de uma ecovila, Christian (2007) destaca que a decisão a respeito do grau de proximidade dos membros da comunidade é crítica por influir diretamente em todo o processo. Para equilibrar o grau de proximidade, os criadores de comunidades têm a seu dispor três diferentes rubricas que, para a autora, definem a tipologia de comunidades intencionais:

- 1) Forma de moradia: individuais, coletivas ou uma combinação de ambas;
- 2) Propriedade: individualizada, coletiva ou um misto;
- 3) Grau de interdependência financeira: compartilhamento integral, independência plena entre os indivíduos ou formas híbridas.

As dimensões propostas por Christian são complementadas por Gilman (1991), que examinou os principais desafios para o estabelecimento de ecovilas:

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

a) Desafio do biosistema: preservar os habitats naturais no território da ecovila; produzir alimento, madeira e outros recursos orgânicos no local; tratar e reaproveitar resíduos orgânicos produzidos no local; isentar-se de resíduos tóxicos; reciclar todo o resíduo sólido da ecovila; tratar as águas cinzas e negras produzidas na ecovila; evitar impactos ambientais adversos, tanto no local quanto no entorno, ao longo de toda a cadeia produtiva e distribuição.

b) Desafio de construção:

I) integrada ao meio: construir com materiais ecologicamente corretos; empregar fontes de energia limpas e renováveis; lidar ecologicamente com todos os resíduos sólidos, líquidos e gasosos da construção; minimizar o uso de transporte motorizado; construir com mínimo impacto no terreno e na ecologia local.

II) que apoia o desenvolvimento e a saúde integral humana: ter um bom equilíbrio entre espaços públicos e privados; encorajar interações comunitárias; apoiar uma completa diversidade de atividades.

c) Desafio econômico: promover atividades econômicas significativas e abrangentes; não depender nem promover a exploração de outras pessoas e lugares; não comprometer as possibilidades futuras privilegiando as necessidades presentes. Nesse subsistema, Gilman (1991) não tem tantas afirmações a fazer, mas ao menos propõe algumas questões norteadoras:

I) O que são atividades econômicas sustentáveis, tanto em termos de sobrevivência dos membros quanto ecológicos?

II) Quais partes da comunidade serão de propriedade coletiva e quais serão constituídas de propriedade privada?

III) Como ser eficiente ecológica e economicamente, reduzindo simultaneamente os custos e o impacto ambiental?

IV) Quais as formas organizacionais mais apropriadas para permitir que a ecovila gere renda e negócios?

V) Existem alternativas ou maneira de complementar a economia monetária através de trocas internas ou envolvendo outras comunidades do entorno?

d) Desafio de governança: promover a justiça e a não exploração dentro e fora da ecovila. Novamente, Gilman (1991) traz algumas questões que devem permear o desenvolvimento de uma ecovila:

I) Como serão tomadas as decisões? Quais métodos serão utilizados em quais ocasiões?

II) Como serão resolvidos os conflitos?

III) Como as decisões da comunidade serão colocadas em prática?

IV) Está prevista a existência de papéis de lideranças?

V) Como será a relação entre a comunidade e as autoridades governamentais municipais, estaduais e federais?

e) Desafio da cola: em conformidade com Christian (2003), Gilman também enfatiza a importância desse aspecto como crucial para os membros da ecovila lidarem com os demais desafios e conseguirem se manter unidos. Ele propõe as seguintes questões para o desenvolvimento e a manutenção da cola:

I) Qual a interação adequada entre unidade e diversidade?

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

- II) Quais os valores, práticas e comportamentos esperados pelo grupo?
- III) Qual a visão compartilhada do grupo?
- IV) Como o grupo descobrirá, desenvolverá e promoverá essa visão?
- V) Qual o grau de proximidade e interação entre as pessoas na ecovila? Como fomentar essa proximidade?
- VI) Como o grupo se relacionará com outros de fora do grupo?

f) Desafio sistêmico completo: esse é considerado por Gilman (1991) o maior desafio das ecovilas, pois implica em mudanças no estilo de vida de forma transversal. Muitas ecovilas são compelidas a trabalhar em todos os aspectos de transformação simultaneamente, mas essas mudanças geralmente levam muito mais tempo e consomem muito mais recursos do que se costuma esperar.

Além disso, a interação sistêmica entre cada um dos diferentes aspectos da gestão de uma ecovila provoca incertezas. Um dos principais motivos para projetos de ecovilas serem abandonados é a tentativa de provocar muitas transformações de maneira muito rápida e sem ter recursos disponíveis para tal, relata Gilman. Ele ressalta que a sustentabilidade multidimensional só pode ser alcançada se os membros da ecovila cultivarem uma visão sistêmica e holística em todas as etapas do processo, não apenas como meta final do projeto.

Atualmente, a Gaia Education propõe em seu currículo transdisciplinar a existência de quatro dimensões principais na gestão de ecovilas, que além de incorporar as tradicionais dimensões do desenvolvimento sustentável – social, econômica e ecológica – acrescenta uma quarta, chamada de visão de mundo (JACKSON; SVENSSON, 2002; EDUCAÇÃO GAIA, 2017):

a) Dimensão social: parte da crítica ao cartesianismo para propor a transição para visão sistêmica; inclui o design social, acordos e valores coletivos e sua documentação, poder e liderança circulares, governança participativa, comunicação não-violenta, gestão de conflitos, transformação social e novos indicadores de bem estar condizentes. Há uma clara interface com os desafios de governança elencados por Gilman (1991).

b) Dimensão ecológica: parte dos princípios da permacultura para elaborar uma análise, planejamento e design do espaço, promovendo habitações de baixo impacto, bioconstrução, agroecologia e agricultura urbana, sistemas agroflorestais (SAF), manejo da água, resíduos sólidos e líquidos, mobilidade, consumo consciente e a reconexão com a natureza. Aqui estão contemplados os desafios de construção e biosistema identificados por Gilman (1991).

c) Dimensão econômica: parte da crítica ao crescimento puramente econômico para fomentar novos modelos que fortaleçam as economias locais como a economia social solidária, economia comunitária e coletivista, as redes de troca e comércio justos, moedas e bancos sociais, além de reforçar a interface entre ecologia, articulação política e economia. Dessa forma, o currículo Gaia de design de ecovilas traz algumas propostas mais concretas em comparação à Gilman (1991) que se contentou em levantar alguns questionamentos a esse respeito.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

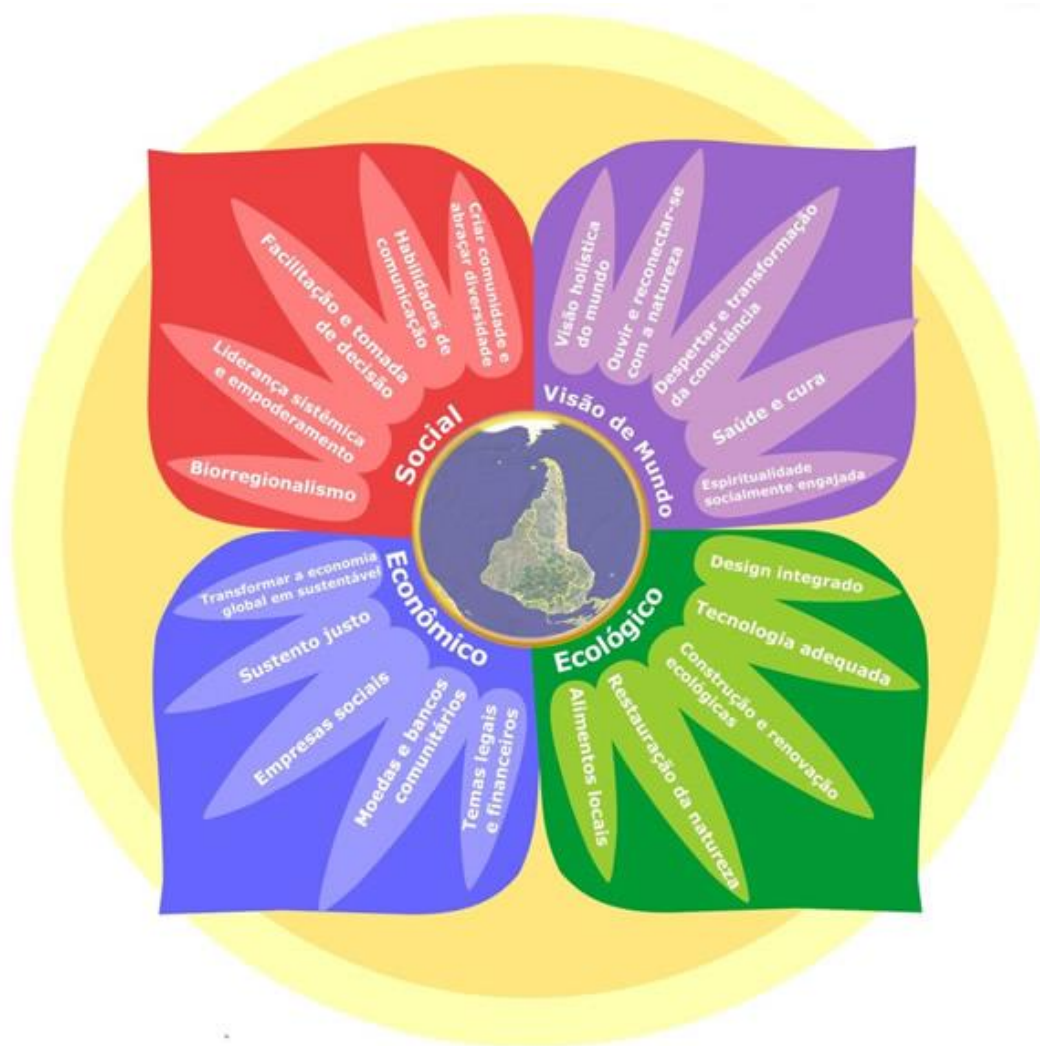
[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

d) Visão de mundo: a partir de uma perspectiva transdisciplinar, promove a ligação entre ciência, espiritualidade e tradições ancestrais para propor uma nova relação entre ser humano e natureza, além de fomentar o autoconhecimento e a saúde. O currículo Gaia aposta também nos modelos urbanos de cidades em transição e preconiza a mobilização social e o engajamento entre diferentes grupos de interesse locais, regionais e planetários. Há uma clara interface com os desafios de cola e sistêmico identificados por Gilman (1991).

Essas dimensões, apresentadas em forma de mandala (Figura 1), estão intrincadas de tal forma que apenas uma abordagem holística que considere a interdependência entre os diferentes aspectos pode dar conta de um projeto de ecovila completo. A EDE é considerada também integrativa – reforçando a ligação entre as diferentes dimensões – e holográfica – princípio que assegura que a essência do currículo permeia cada uma de suas partes, podendo ser reconstruída a partir de cada uma das dimensões.

Figura 1 – Mandala das dimensões de uma ecovila



Fonte: Educação Gaia (2017).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

De acordo com o currículo da Educação Gaia, portanto, as ecovilas podem, de fato, servir de modelo para o redesenho e a transformação da sociedade em escala global. A definição de comunidade sustentável proposta pelo programa elaborado pelos educadores da GEN não contempla apenas elementos fragmentados de ambientalismo e melhoria da qualidade de vida, mas prescinde de uma visão multidimensional e de uma gestão condizente com isso.

Apesar da primorosa grandeza e do atrativo intrínseco desta visão holística do mundo, ela pode facilmente cair numa vazia abstração intelectual se não se basear em utilizações palpáveis na vida real. Aqui surgem as ecovilas como protótipos inspiradores do futuro; da mesma forma que um hólion individual replica uma vasta holarquia, assim também uma ecovila representa um ponto focal concentrado, em escala humana, para as possibilidades promissoras de uma sociedade global interligada como um todo. As ecovilas não apenas tratam a grande quantidade de sintomas da civilização insustentável, como também estimulam a cura sistemática.

Hoje em dia, as ecovilas representam os melhores laboratórios experimentais vivos para incubar novos modelos de uma cultura humana sustentável. O modelo das ecovilas estimula uma perspectiva de sistemas, enfatizando as ligações entre atividades, processos e estruturas, e desenvolvendo uma compreensão de uma comunidade sustentável mais ampla e abrangente. Na vida das ecovilas e em seu design são realçadas as conexões e interligações, fazendo-as mais visíveis para todos - por exemplo, ao observar como a produção ecológica de alimentos tem relação com moedas complementares que, por sua vez, têm relação com modalidades econômicas sustentáveis que, por sua vez, têm relação com processos inclusivos de tomada de decisão que, por sua vez, têm relação com a integridade das interações humanas que tem relação com o amor, que tem relação com a Natureza, que tem relação com a construção ecológica e assim por diante (EDUCAÇÃO GAIA, 2017).

As ecovilas atuais surgem das necessidades e oportunidades provocadas pelas limitações ambientais, pelo desenvolvimento tecnológico e pelos novos patamares de conscientização atingidos recentemente. Elas são pautadas pelo uso de tecnologias alternativas tais como energia eólica e solar e compostagem orgânica, propostas econômicas inovadoras, experiências de democracia direta, tomada de decisão inclusiva e adoção de uma perspectiva de prevenção da saúde combinada com sistemas tradicionais de medicina, aspectos múltiplos que juntos, culminam em uma proposta de estilo de vida alternativo que possibilita a existência de novas sociedades alternativas e holísticas (BANG, 2005; HEINBERG, 2007).

Cada ecovila é única. Pertence a um contexto social, político e econômico específico. Atua na realidade em que está inserida de maneira singular. Organiza-se e viabiliza sua existência de maneira particular. Suas práticas e ações administrativas fazem parte de sua essência, de suas políticas e dos valores e padrões éticos de seus membros.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A ressignificação de estilos de vida e a criação de uma nova visão de mundo implicam também na criação de uma linguagem particular de imagens e conteúdos simbólicos adequados. Precisamos nos apoiar em novos indicadores para avaliar o sucesso de ecovilas.

Um exemplo de critérios muito bem alinhados com a proposta holística e transdisciplinar da vida sustentável das ecovilas e comunidades sustentáveis são os usados pelo Dragon Dreaming, que se inspirou na Fundação Gaia da Austrália Ocidental para afirmar seu compromisso com o desenvolvimento pessoal, a construção da comunidade e o serviço à Terra. Para ser considerado um projeto Dragon Dreaming de sucesso, é preciso ser fiel a esses três princípios, garantindo a sustentabilidade das pessoas envolvidas no grupo, da comunidade onde estão inseridas e do planeta como um todo (CROFT, 2009).

As ecovilas são um excelente campo para demonstrar a importância da experiência subjetiva social na criação, manutenção e divulgação de novas visões de mundo e estilos de vida. Ao criar uma maneira de experimentar o mundo e darem significado para as motivações para viver assim, as ecovilas representam a síntese entre conhecimento e ação, entre teoria e prática.

Os resultados da supremacia do mercado como regulador da sociedade podem ser sentidos em múltiplas dimensões, como o aumento da insegurança psicológica, a degradação da qualidade de vida, a poluição, o desperdício à exaustão dos limitados recursos do planeta e no que tange à teoria das organizações, a incapacidade de oferecer diretrizes para a criação de espaços sociais em que os indivíduos possam participar de relações verdadeiramente autogeradoras.

Nada menos que uma revolução de alcance mundial faz-se necessária para superar a deterioração física do planeta e das condições da vida humana, em toda parte. Uma vida humana associada onde prevalecem *relações ganha-ganha-ganha* é imediatamente possível e está ao alcance de todos que estejam dispostos a levar a melhor sobre a lógica de mercado.

Rompimentos foram empreendidos, no passado, por povos aflitos e subjugados, como, por exemplo, quando Abraão deixou Ur e Moisés deixou o Egito. Nesses casos, a arrancada foi precedida de um movimento horizontal no espaço histórico (ou ocorreu simultaneamente a ele). Mas no arcabouço planetário institucional de nossos dias, não há mais perspectiva para um êxodo no sentido horizontal. Se uma ruptura histórica tiver que acontecer em nosso tempo, terá que assumir o caráter sem precedente de um puro êxodo em compacto tempo vertical, isto é, através de uma mudança no íntimo das pessoas, em sua orientação relativamente à realidade e nos critérios de percepção e definição de suas necessidades e desejos (GUERREIRO RAMOS, 1981, p.42)

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

REFERÊNCIAS

- BANG, Jan Martin. Ecovillages: a practical guide to sustainable communities. Edimburgh (United Kingdom): New Society Publishers, 2005.
- BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 1985.
- CHRISTIAN, Diana Leafe. Creating a life together: practical tools to grow ecovillages and intentional communities. Canada: New Society Publishers, 2003.
- _____. Finding community: how to join an ecovillage or intentional community. Canadá: New Society Publishers, 2007.
- CROFT, John. Making Dreams Come True: Using Dragon Dreaming To Build An Outrageously Successful Project. Australia: Dragon Dreaming Fact Sheets, 2009.
- CRUZ JÚNIOR, João Benjamin da. Organização e administração de entidades públicas: aspectos políticos, econômicos e sociais de um paradigma emergente. Revista de Administração Pública (RAP), Rio de Janeiro: FGV, 1988.
- EDUCAÇÃO GAIA. Disponível em: <http://www.gaiabrasil.net/> [acesso em 21/01/2017 às 16:28].
- GARDEN, Mary. The eco-village movement: divorced from reality. The International Journal of inclusive democracy, Vol. 2, No. 3, June/2006.
- GILMAN, Robert. The eco-village challenge: the challenge of developing a community living in balanced harmony - with itself as well as nature - is tough, but attainable. In: In Context #29 - Living Together, (Summer), 1991.
- GILMAN, Robert; GILMAN, Diana. Ecovillages and sustainable communities: a report for Gaia Trust. Gaia Trust, 1991.
- GUATTARI, Félix. As três ecologias. 11ª ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro. FGV, 1981.
- HEINBERG, Richard. Ecovillages and intentional communities. In: CHRISTIAN, Diana. Finding Community: how to join an Ecovillage or Intentional Community. Canadá: New Society Publishers, 2007.
- IRRGANG, Berendice. A study of the efficiency and potential of the ecovillage as an alternative urban model. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Territorial) – University of Stellenbosch. África do Sul, 2005.
- JACKSON, Hildur; SVENSSON, Karen. Ecovillage living: restoring the earth and her people. Londres (Reino Unido): Green books, 2002.
- LOOMIS, Terrence. Sustainable community movements: a brief overview. Disponível em: <http://www.achievingustainablecommunities.com/> [acesso em 29/01/2017 às 07:48].
- METCALF, William. The Findhorn book of community living. Reino Unido: Findhorn Press, 2004.
- MUMFORD, Lewis. The story of utopias. New York (EUA): Boni and Liveright, 1922.
- PRUDENTE, Gustavo. O velho sonho de morar no paraíso. Revista Problemas Brasileiros, no 377 (set/out 2006). Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/ [acesso em 02/02/2017 às 11:21].
- SACHS, Ignacy. Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática de desenvolvimento. São Paulo. Cortez, 2007.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

SCHUMACHER, E. F.; Small Is Beautiful: Economics As If People Mattered. Canada: Hartley & Marks Publishers, 1999.

SIQUEIRA, Gabriel. Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental: estudo de caso na ecovila Itapeba. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://irradiandoluz.com.br/> [acesso em 12/02/2017 às 19:53].

TRAINER, Ted. Development, charity and poverty: the appropriate development perspective. International Journal of Social Economics, Volume 29, No1/2, 2002. Disponível em: <http://www.inclusivedemocracy.org/> [acesso em 25/01/2017 às 20:13].